



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

## A AUTORIA COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Helena Edilamar Ribeiro Buch

Instituição de origem UNESPAR – Campus de União da Vitória [helenabuch@bol.com.br](mailto:helenabuch@bol.com.br)

## THE AUTHORSHIP AS A STRATEGY IN GEOGRAPHY TEACHING

### RESUMO

A investigação da pesquisa interroga os significados que os docentes do ensino da Geografia atribuem a autoria como estratégia utilizada em suas aulas. Nosso objetivo se propôs investigar o lugar que as estratégias de ensino da Geografia ocupam como elemento componente do processo pedagógico do ensino. Com base na metodologia da investigação qualitativa, na modalidade de pesquisa participante, com apoio em diário construído no contato com os professores de ensino básico. A base teórica esta baseada em Paulo Freire (1997, 1999), para quem o aprendizado exige uma permanente reconstrução e tomada de consciência e Pedro Demo (2005) na defesa do processo de aprendizagem como autoria. Participando do cotidiano escolar das aulas de Geografia durante dois meses, identificamos que a autoria nas propostas metodológicas como estratégias de ensino da Geografia foi significativa para a prática da docência, as metodologias destacadas favoreceram a interação com liberdade, a autoria como estratégia, que desencadearam iniciativas criativas. Os resultados significativos potencializaram as características do professor autor de suas próprias metodologias sintonizadas na realidade vivida com os alunos na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Geografia, autoria, ensino, metodologia.

### ABSTRACT

The investigation of this research interrogates the meanings that the teachers of the teaching of Geography attribute the authorship as strategy used in their classes. Our objective was to investigate the place that Geography teaching strategies occupy as a component element of the pedagogical process of teaching. Based on the methodology of the qualitative research, participatory research modality, daily support built and in the contact with the teachers of high school. The theoretical basis is based on Paulo Freire (1997, 1999), for whom learning requires a permanent reconstruction and awareness and Pedro Demo (2005) in defense of the learning process as authorship. Participating in the daily life of the Geography classes for two months, we identified that the authorship in the methodological proposals as Geography teaching strategies was significant for teaching practice, highlighted methodologies favored interaction with freedom, authorship as strategy, which triggered initiatives creative. The significant results potentiated the characteristics



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

of the teacher author of his own methodologies tuned in the reality lived with the students in the school.

KEY WORDS: Geography, authorship, teaching, methodology.

## Introdução

Em nossa literatura é relativamente fácil encontrar publicações referente às chamadas estratégias de aprendizagem, ou técnicas de aprendizagem, mas acerca da autoria como estratégia e ensino de Geografia, encontramos poucos estudos específicos. Para poder desenvolver de forma apropriada uma investigação acerca do assunto, pesquisamos a realidade as situações que facilitam o trabalho docente em relação à interação entre professor e aluno na sala de aula, como manter a atenção e atingir objetivos, e até em determinadas situações resolver conflitos. Além disso, encontramos profissionais com muitos anos de experiência, que vivenciaram e vivenciam ainda estratégias vencedoras. Neste sentido, partindo da idéia de que o professor é responsável pela escolha da forma de seus procedimentos de ensino em sua aula, tomando decisões apontadas para determinadas finalidades dentro das condições concretas da realidade dos alunos e da temática a ser desenvolvida, propomos esta investigação sobre o lugar que a autoria como estratégias de ensino da Geografia ocupam como elemento componente do processo pedagógico de aulas no sentido de viabilizar o processo de ensino, e assumindo determinadas propostas intencionais.

De uma forma geral inicialmente identificamos que a execução do trabalho pedagógico pode ser articulado e renovado pelo professor, ou seja, a teoria e a forma como se desenvolve a prática para gerar a apreensão do conhecimento; para isso acreditamos que é fundamental que se caminhe para significados e construção de saberes para ler o espaço geográfico. Neste sentido, com base em Paulo Freire (1996), destaca a compreensão de que nenhum conhecimento é pronto e acabado e como seres históricos somos produtores desse conhecimento que intervém e constrói, rompendo com amarras históricas, como do reprodutivismo disciplinador.

A construção da proposta metodológica se apoiou na metodologia da investigação qualitativa, na modalidade de pesquisa participante, com apoio em diário construído no contato com os professores de ensino básico. Escolhemos algumas práticas vencedoras que geraram significados e descrevemos a seguir: A dança de rua como forma de expressão da realidade de exclusão na periferia da cidade; A percepção da paisagem no ensino da geografia; Estabelecemos alguns procedimentos como o levantamento e análise bibliográfica; Análise de planos de ensino; Entrevista com professores regente das turmas; Grupos de discussão; Apoio na construção de



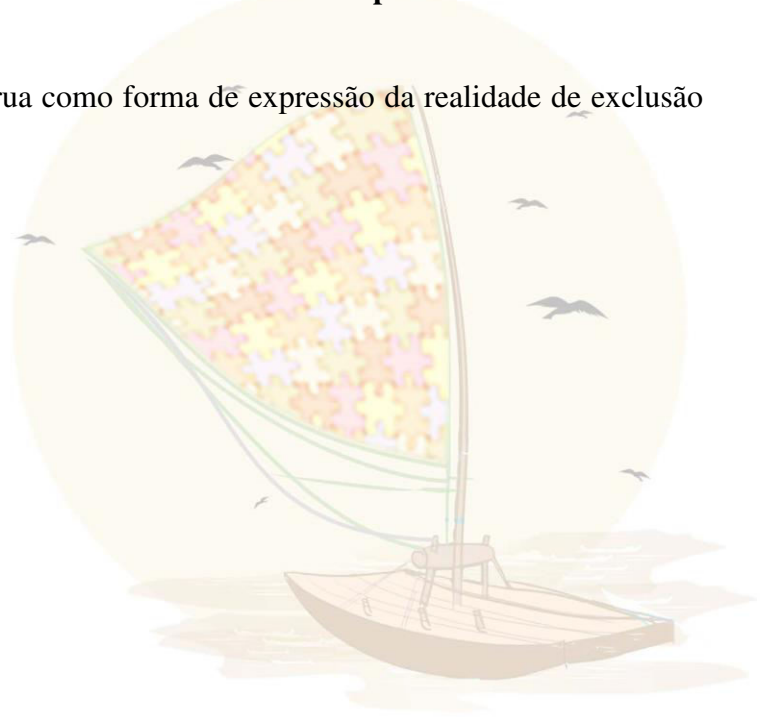


material didático; Convivemos e participamos do cotidiano escolar das aulas de Geografia no ensino fundamental durante dois meses; Identificamos que a autoria nas propostas metodológicas como estratégias de ensino da Geografia foi significativa a prática da docência. Elaboramos assim, atividades e materiais que favoreceram a interação com liberdade para construir suas próprias metodologias, propostas que desencadearam iniciativas autônomas e criativas de autoria.

Trabalhamos com o conceito de autoria embasado em Pedro Demo (2005): uma prática docente que tenha como princípio a criação. Constitui-se por meio de postura didático-pedagógica alicerçada na reflexão e produção de novos conhecimentos. A autoria pressupõe a existência de pesquisa, cuja “conotação mais importante hoje é a de atitude permanentemente reconstrutiva frente à realidade, significando um princípio educativo dos mais centrais na formação do sujeito capaz de história própria e sempre renovada.” (DEMO, 2005, p.195). Engendrada ao longo do processo de formação e ação docente, pressupõe a existência de um coletivo, diálogo entre sujeitos e a compreensão do papel da educação para além de práticas instrucionistas e reprodutivistas. Portanto, compreender o exercício da autoria na iniciação à docência é fundamental para a formação de professores.

## **A dança de rua como forma de expressão da realidade de exclusão na periferia da cidade.**

**Figura 1:** Início da coreografia, a dança de rua como forma de expressão da realidade de exclusão na periferia da cidade.

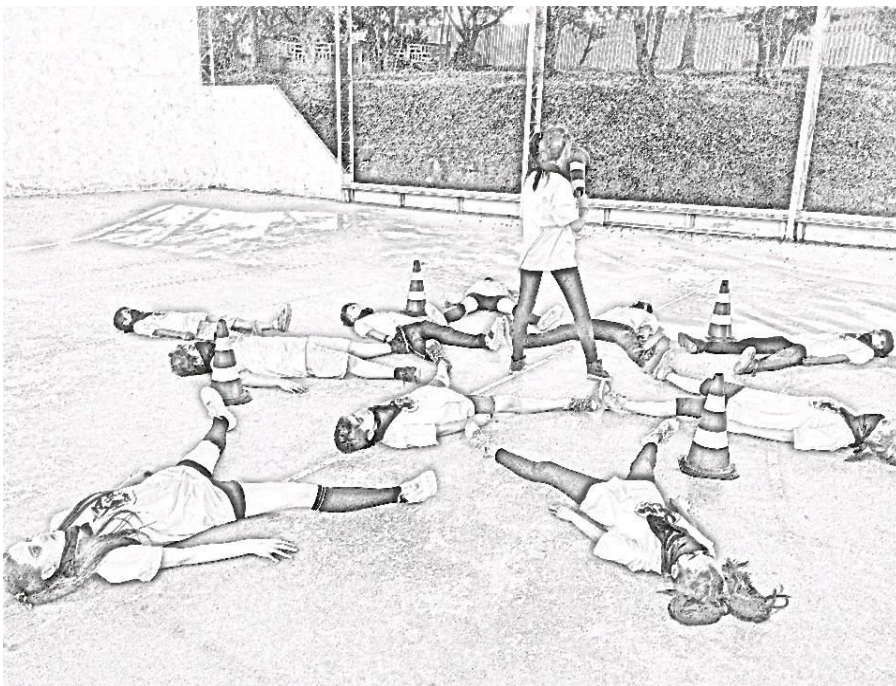




# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE



Fonte: Acervo de: Buch, H.E; Zvares, 2018. Pesquisa no ensino

Nossa proposta de autoria utilizou as mensagens das letras de músicas e a dança que representa uma forma de comunicação entre os adolescentes e pela dança e música nomeamos localizações geográficas e conflitos ou modos de convivência nas cidades, isso gerou aprendizagem, e a construção de significados sobre os problemas urbanos que convivemos. Os alunos construíram uma coreografia de dança de rua como forma de expressão vivida demonstrada no movimento que evidencia a convivência com a realidade de violência e exclusão na periferia da cidade, demonstrada no movimento de autoria dos alunos que evidencia a convivência com a realidade de violência e exclusão na periferia da cidade. O Tema desenvolvido foi: a dança de rua como forma de expressão da realidade de exclusão na periferia da cidade. Esta proposta metodológica de ensino de Geografia foi desenvolvida no ensino fundamental no norte do estado de Santa Catarina, cidade de Canoinhas. Durante a participação das aulas na escola onde se desenvolveu esta metodologia presenciamos o olhar dos jovens estudantes que vivem na periferia da cidade, utilizando a dança, o domínio do movimento, coreografia e enredo em intersecção para interpretar o espaço geográfico vivido. Com esse propósito este Professor construiu uma proposta de autoria quando ensaiou 15 alunos de uma escola pública, tomando por aporte teórico a Geografia da Fenomenologia no sentido de expressar significados, comportamentos e sentimentos, com foco a população que vive em áreas de conflito e convive com riscos em seu cotidiano gerados pela violência baseando-se nos conceitos do pesquisador Rudolf Laban (1978) no sentido da arte e da





# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

dança; e nas contribuições a subjetividade e a percepção do sujeito sobre o mundo vivido ; Haesbaert (2004) o sentido simbólico e das relações de poder no território.

A dança, como uma linguagem corporal inovadora, promove reflexões a serem postas em prática, propondo a interação de diversas representações. O professor participando da atividade, buscou refletir o olhar de jovens estudantes que vivem na periferia da cidade. Nossa proposta utilizou a música chamada de “Pesadão” da cantora e compositora Iza (Isabela Lima), o real intuito está na representatividade tanto da letra quanto da coreografia em si, foi mostrar que o alunos podem expressar problemas ligados a sua atual realidade. Na canção, a intérprete expressa através de metáforas, as buscas e sonhos que conquista após perdas em sua vivência. O bonde pesadão pelo qual na música, representa a força de uma realidade social difícil ligado à periferia e onde está inserido. Isso pode ser expresso na arte da dança: subjetividade e percepção do sujeito sobre o mundo vivido, fatores importantes para compreensão do espaço geográfico.

Nossa metodologia participativa construiu uma coreografia da seguinte forma: 1ª Etapa: Trabalhou-se com os alunos em sala a importância da dança de rua, enquanto linguagem corporal e sua relação com a ciência geográfica; 2ª Etapa: Definiu-se uma música de trabalho que ajudasse a relacionar as vivências à coreografia de dança de rua; 3ª Etapa: Foram escolhidos passos que expressassem as verdadeiras sensações dos alunos e aplicados através de movimentos fáceis e que todos conseguiram acompanhar; 4ª Etapa: Os alunos foram levados nos horários de aula na quadra da escola, que facilitou a aplicação dos movimentos da coreografia aplicada; 5ª Etapa: Como acessório foi escolhido por sugestão dos alunos, a utilização de cones que nessa perspectiva representavam “atenção”, pois existe muita criminalidade no bairro onde a escola se localiza e os alunos vivem; 6ª Etapa: O uso de lanternas pequenas que são de material da escola para emergências, sugere mostrar que na “escuridão da vida” cotidiana os alunos precisam tanto de uma luz por segurança e outra interior por força desse bonde pesadão; 7ª Etapa: O uso de uma bandana preta, sugere ao mesmo tempo que o luto pelo espaço de criminalidades onde habitam, a escuridão das ruas sem iluminação pública e a insegurança pessoal; 8ª Etapa: Começando a coreografia, todos os alunos estão caídos em formato estrelar, e uma aluna entra com o cone na mão; 9ª Etapa: Com movimentos de força, mostra seu sentimento de raiva e medo de andar todos os dias sozinha e traz consigo o cone como se fosse uma “ajuda” para quem a visse circulando. Na música, é retratado como “vou reerguer o meu castelo”. 10ª Etapa: Os alunos no chão, dançando deitados, mostram que as partes ocultas podem aparecer a qualquer momento, bem como os vilões da sociedade; 11ª Etapa: Com braços esticados para cima, mostram a “guerra sem sentido” com gestos que representam a



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

opressão pelo uso de armas e dessa forma usam a bandana colocada sobre o rosto ocultando a face como de costume dos vilões; 12<sup>a</sup> Etapa: Quando a cantora Iza descreve na canção a parte “quando o medo se apossou”, todos transmitem tal medo ao lugar de existência; 13<sup>a</sup> Etapa: Como a música passa uma mensagem muito bonita no que se refere a superação, na parte “eu levanto a mão pro alto e grito que é do bonde pesadão”. É a voz enquanto cidadão nas relações de território. 14<sup>a</sup> Etapa: A coreografia segue, e com movimentos ritmados de nostalgia mostram o fortalecimento que a dança traz para eles mesmos nas relações que compõem seu território; 15<sup>a</sup> Etapa: Alguns alunos mostram através de braços esticados tanto para frente quanto para os lados, mostra a liberdade enquanto dia e a vontade de viver intensamente além da paisagem que visualizam ao vir diariamente para a instituição de ensino; 16<sup>a</sup> Etapa: Foi dialogado com os alunos sobre as relações de poder empoderamento do território como categorias geográficas trabalhadas e a sua ligação com a realidade de cada estudante; 17<sup>a</sup> Etapa: Foi abordada a importância da dança de rua na vida dos alunos e como ela pode ajudar a explicar diversas ligações com outros conteúdos através da interdisciplinaridade. 18<sup>a</sup> Etapa: por último foi abordada a importância da dança de rua na vida dos alunos e como ela pode ajudar a explicar diversas ligações com outros conteúdos através da interdisciplinaridade.

A construção da coreografia refletiu os problemas sociais da periferia da cidade vividos pelos estudantes desta escola foi uma reação de enfrentamento aos problemas urbanos da cidade, existentes em outros lugares do Brasil. A transição pedagógica para ensinar sobre a territorialidade partiu da base teórica fundamentada em Haesbaert (2004); na discussão sobre território entendido como aquele que está constituído no sentido de dominação, e também associado ao controle do funcionamento, mesmo que simbólico como marcas do vivido e de Gomes (2002), que descreve sobre os espaços de identidade dentro das cidades, para este autor o conceito de território é interpretada por práticas sociais dentro de uma determinada porção do espaço. “O Território é o limite dessas práticas, o terreno onde elas se concretizam é muitas vezes condição para que elas existam”. (p.135). Depois do estudo teórico desenvolvemos a transição pedagógica dando oportunidade a autoria da coreografia uma reação significativa diante dos conflitos e a forma de enfrentamento dos problemas sociais da comunidade onde vivem. Neste sentido, Michel de Certeau descreve sobre as práticas cotidianas incomuns ao espaço geográfico convencional, a partir do estudo do que chama de artes de fazer do homem comum: Fora das totalizações imaginárias do olhar, existem atividades que não são comuns ao cotidiano que não emerge a tona, ou este limite se destaca como avançado, que se destaca sobre o que está a vista. “Neste conjunto, eu gostaria de





detectar práticas estranhas ao espaço ‘geométrico’ ou ‘geográfico’ das construções visuais, panópticas ou teóricas.” (CERTEAU, 1996, p.172). Para isso, é necessário que o professor abandone paradigmas que compreendem a dança apenas como necessária às datas festivas, desconstruindo uma visão baseada no senso comum onde a dança aparece desprovida de conteúdos, assim desempenha seu papel de professor formador, oportunizando aos alunos que tem habilidade de expressar e interpretar através da dança uma proposta metodológica de ensino, ou seja a autoria de uma coreografia capaz de contextualizar temáticas sobre categorias da Geografia, como território e por ela se poderá compreender, desvelar, desconstruir, revelar, se for o caso, dar significado a autoria.

## **Um olhar para as paisagens expressadas na pintura em tela, um recorte no tempo.**

Em relação ao conceito de paisagem o mais antigo registro, conforme Naveh e Lieberman (1984), é a do livro dos Salmos (salmo 48), no qual aparecem as palavras hebraicas *noff* (paisagem) e *yafa* (beleza), visando a descrição da beleza de Jerusalém, com suas construções jardins, palácios e o templo de Salomão.

Este termo reaparece no Renascimento, época a qual as artes e as ciências estavam sendo revolucionadas. Gröning (2004) afirma que, a noção de que determinado lugar é uma paisagem se propagou pelos pintores, desta forma, paisagem era o que agradava os compradores. Mas somente a partir do século XIX, quando Alexandre Von Humboldt (1769 – 1859), introduziu o termo paisagem como termo científico – geográfico, tendo por objetivo definir o caráter total de uma região da Terra.

Com propósito de estudar a paisagem de forma inovadora, a proposta pedagógica de autoria permitiu sair do presente ensaiando uma análise da paisagem no passado transmitida pelo pintor em sua tela. Esta proposta pedagógica, foi desenvolvida e aplicada em sala de aula do Ensino Fundamental no Município de União da Vitória. Inicialmente visitaram atelier de pintura de telas em óleo sobre tela, museus de arte do Paraná e também utilizamos como ferramenta a pesquisa na internet, procurando descobrir os sentimentos nas imagens nos signos transmitidos pelo pintor, os elementos considerados importantes para o pintor da mesma forma a imaginação, como forma de expressão da paisagem, afinal o pensamento humano é intuitivo, sujeito a representações subjetivas que estão expressadas na paisagem que procuram retratar a paisagem paranaense no início da colonização. Objetivando construir uma aprendizagem onde os textos escritos e os cálculos não



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

sejam o único caminho que leva ao conhecimento, mas a arte, a percepção e os diferentes olhares para obter entendimento sobre a imagem impressa na tela e neste sentido construir opinião sobre o espaço Geográfico que marca a paisagem do passado suas características sociais econômicas expressadas na paisagem da tela marcada pelo pintor .

Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem a abertura ao risco, a aventura do espírito como escreveu Paulo Freire (1999, p.77). O novo, a oportunidade de criar, de errar e acertar só é possível quando as pessoas acreditam no potencial do conhecimento e na relação que se estabelece entre os sujeitos que aprendem e ensinam. Esse é um dos grandes diferenciais entre a educação crítica e o ensino bancário “que deforma a necessária criatividade do educando e do educador”, conforme Paulo Freire (1997, p.14), pois o processo de construção do conhecimento é particular em cada um de nós.

Ao escolhermos telas de pintores paranaenses para estudar a paisagem, codificando suas mensagens, afetados pela beleza das imagens, ou situações reais daquele tempo pincelando formas e cores, transmitiram ao observador a paisagem que atravessou o tempo na imagem da tela contando a história e transmitindo suas mensagens, desta forma analisar a mensagem transmitida conforme esse olhar. Na verdade quando se estuda as paisagens, mais cedo ou mais tarde, por um caminho ou por outro, chega-se a conclusão que a paisagem atual é sempre uma herança de ações, preservacionistas ou não, dos antepassados. Diferente de outros bens é um patrimônio coletivo de todos os povos ao longo de suas histórias. Para Ab'Saber (2003, 159) “[...] é indispensável ressaltar que as nações herdaram fatias maiores e menores daqueles mesmos conjuntos paisagísticos de longa e complicada elaboração fisiográfica e ecológica”.

Os quadros de paisagens registram elementos objetivos e subjetivos que revelam muito da cultura, tempo, afetividade do pintor por aquele espaço daí a necessidade de um olhar ampliado pautado na admiração, inquietude e curiosidade. As formas da paisagem refletem a maneira de morar dos homens, as suas atividades, os usos que eles faziam da terra. Concordamos com Paulo Freire (1997) que a metodologia que reforça a curiosidade do educando oportuniza condições para educador e educando se transformarem em “reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado.” Para tal, ambos necessitam ser “criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes”. (FREIRE, 1997, p.14).

A criança contemporânea, habitante dos centros urbanos esta exposta a um enorme volume de imagens que estimulam a sua percepção visual. Isso é produzido pelas diversas formas de mídias, que condicionam o olhar de forma que elas estão habituadas a assumirem diante de um





# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

quadro de paisagem, um comportamento totalmente irrelevante, isto é, as paisagens passam com a mesma velocidade de um vídeo – clipe. Assim também as telas têm a mesma importância de um anúncio. Quando na verdade os quadros da paisagem vão além do visual, destacando a afetividade do artista pelo lugar, pessoa ou objeto que ele está retratando, elementos sociais, econômicos, imagens religiosas ou festivas de espaços naturais ou modificados pelo homem.

As imagens possuem um peso muito significativo como temática no ensino de Geografia. À expressão popular “uma imagem fala mais que mil palavras” traduzem a importância didática da imagem. Descrever sobre um tema com todas as suas características não substitui poder vislumbrar a imagem, seus detalhes e formas, que identificam a natureza ou as produções do homem no meio. Nesse estudo de imagens – paisagens e símbolos na pintura de telas, o sentido dos símbolos utilizados na construção da tela, registraram-se a compreensão a afetividade e a representação do pintor, valores, as histórias de vida, os amores, as flores, os sabores e também os conflitos e guerras, enfim, a realidade em que vivia o pintor em seu tempo, dessa forma, entendemos que, a contribuição da imagem está em transmitir idéias que correspondem à realidade vivida pela sociedade que está em constante adaptação e suscetível aos interesses dos grupos econômicos e de poder, essa realidade pode ser compreendida e vista como uma proposta para ensinar comparando realidades vividas em tempos diferentes e trazendo para o ensino exemplos que contribuem para a compreensão da evolução, permitindo ao aluno autoria e liberdade para expressar opinião e sua pesquisa acompanhado pelo professor. Neste sentido Baldini, (2007) para que haja autoria do lado do aluno é preciso que o professor se coloque como autor. No entanto, não é preciso ir muito longe em considerações teóricas para que se perceba, “que ao professor, muitas vezes, está reservado o papel de aplicador ou comentador de um saber originado fora dele.”, (p.5).

Nosso estudo retrata a grandiosidade da natureza com romantismo e elementos afetivos da imaginação. Remetendo isso para o ensino, sabemos que boa parcela das crianças em idade escolar apresenta dificuldades em assimilar e construir o conhecimento, considerando que esta muito mais treinada e possui familiaridade com a linguagem imagética, pois estão lendo a tela da TV ou dos computadores diariamente. Trata-se de demonstrar a validade de intercâmbio entre a arte e ensino no que se refere as estratégias didáticas e também a demonstração da necessidade de busca de um caminho que leve ao entendimento e aprendizado e que não seja unicamente através da palavra verbal, mas sim um caminho que esteja em sintonia com a vivência atual das crianças, pois elas são muito mais habituadas à imagens iconográfica, hoje, do que há anos seus professores o foram: o Sistema Operacional Windows, os



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

desenhos, placas vitrines e avisos, além da mídia televisiva, são estímulos presentes e constantes no cotidiano das crianças atualmente. Os Signos se apresentam como forma de análise do espaço geográfico. As pessoas têm a liberdade de dar significados, aquilo que vêem numa paisagem seja de uma rua de um bairro, ou de uma cidade além de representar uma dimensão concreta e material do mundo está impregnada de significados que nascem da percepção que se tem dela.

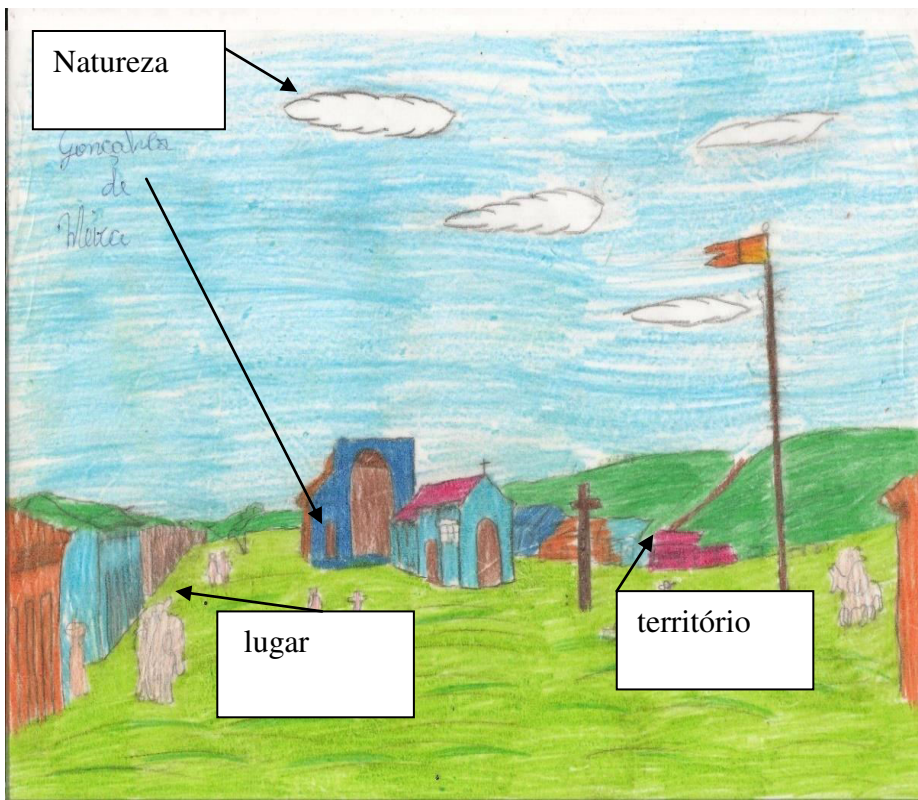
Nossa metodologia, participativa propôs o ensino através de imagens e paisagem. Na aula o aluno escolhe uma tela e para desenvolver sua pesquisa constrói intersecções entre o presente e o passado para prever a paisagem do futuro. A aplicação de nossa proposta de trabalho iniciou, com a escolha das telas de paisagens paranaenses vislumbradas nas imagens da internet, optando pela paisagem com as características que mais afetou cada um dos alunos. Isso reforça a idéia de que, quando se observa a paisagem, busca-se identificar os aspectos afetem que fazem cada um se aproximar dela.

Desta forma, utilizou-se as telas dos pintores paranaenses que foram impressas e depois copiadas em papel transparente, pelos alunos assim o aluno percorre a visão do pintor em estética e beleza. Essa proposta foi aplicada nas 6º série do Ensino Fundamental os alunos observaram as pinturas realizadas pelo pintor e reproduziram desenhando, analisando e interpretando as categorias geográficas como: paisagem, território, lugar, região, natureza.

Figura 2 Desenho feito no papel transparente sobre a imagem da tela adquirida na internet



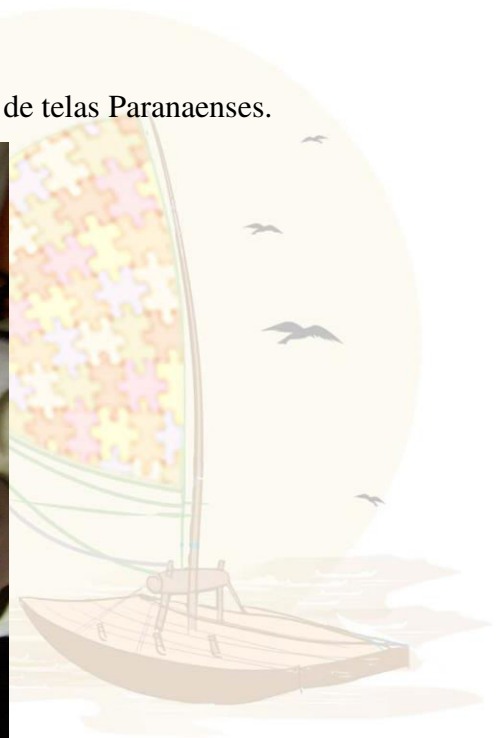




Fonte Buch,H.E. Trabalho desenvolvido por aluno do Ensino Fundamental

Figura: Atividade desenvolvida em sala de aula.

Aprendendo através de Imagens Paisagens e Símbolos na pintura de telas Paranaenses.





# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

Fonte: Buch, H.E. Trabalho desenvolvido por aluno do Ensino Fundamental com utilização de papel transparente.

Esta proposta, entre o ensino da paisagem através da arte, vai além do conteúdo relacionado à paisagem e a arte, vislumbrando afetos paixões porem é nesta relação que pode estruturar-se um referencial ensino, paisagem, arte. Contextualizando que a construção sócio-histórica dos signos retratados nas telas pretende representar o sentido da evolução do povo que habitou a região por meio da arte e dos símbolos, impressos também os momentos vividos sua história, paralelo as pinceladas coloridas contidas na tela. Nem sempre a escola oferece aos alunos experiências de aprendizagem que estimulem o uso dos vários sentidos ao mesmo tempo. Porém o estudo da paisagem a partir da arte é uma oportunidade de presenciá-la a partir de outro campo de abrangência, além do conceitual. É possível considerar que a utilização de obras de arte pode modificar os vínculos afetivos com a paisagem, valorizando-a. Assim escreveu MERLAU PONTY (2006) “As recordações precisam ser tornadas possíveis pela fisionomia dos dados ou das imagens. Antes de qualquer contribuição da memória, aquilo que é visto deve presentemente organizar-se de modo oferecer-me um quadro em que eu possa reconhecer experiências ocorridas.” (p.44). Contudo parafraseando TUAN (1974, p.137) “As imagens mudam à medida que as pessoas adquirem novos interesses e poder, mas continuam a surgir do meio ambiente: as facetas previamente negligenciadas são vistas agora com toda a claridade.” Apesar de Tuan estar se referindo ao conceito de meio ambiente, o que queremos destacar é a mudança na percepção conforme as mudanças nos valores, nas atitudes, nos sentimentos. Nesta análise, sentimentos registrados nas telas dos pintores locais se entende que a paisagem é uma herança de ações dos povos que atravessa o tempo em contínua evolução, é um patrimônio coletivo dos habitantes da região ao longo de suas gerações, que o modelaram expressando a sua forma de se apoderar, deste recurso natural, inculindo seus valores, suas afetividades registrando seus signos de vida.

Percebemos que para investigar propostas estratégicas de ensino temos que nos debruçar em torno de alguns conceitos que possuem viés ideológico veiculado em determinado tempo num recorte do percurso, isto é, analisar o presente levando em conta alguns conceitos do passado, que podem estar presentes de forma positiva ou negativa. Para Pedro Demo (2005) é através do conhecimento, das produções autorais e da autonomia do docente para o discente, que o ensino passa a fazer sentido, isso remete uma reflexão sobre o comportamento docente frente aos novos cenários de ensino e as práticas aplicáveis em sala de aula escolar.





# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

Considerações finais: Nossa pesquisa reuniu experiências e autorias positivas e ousamos em compartilhar entre os profissionais de diferentes instituições e níveis de ensino. Durante a pesquisa evidenciou-se que quando o professor pode ser produtor de suas estratégias pedagógicas e deixar de ser apenas um sujeito passivo dependente do livro didático e das amarras muitas impostas do plano anual de trabalho, passa a ser mediador da aprendizagem através do diálogo com os alunos amplia o entendimento e a compreensão do espaço onde se vive. Os resultados significativos potencializaram as características do professor autor de suas próprias metodologias sintonizadas na realidade vivida com os alunos na escola. A oportunidade de diálogo deixando fluir a criatividade tecendo autoria entre pesquisa realidade agregando as experiências positivas do professor. Acreditamos que as contradições entre o escrito e o vivido foram minimizados, revelando que a autoria das metodologias constroem leitura de mundo da realidade vivida tanto local como no global construído na interação professor e aluno no ensino de Geografia

## Referências:

AB'SABER, A. **Os domínios da natureza no Brasil - Potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BALDINI, L.J.S, A autoria é algo que se ensina? In: **Anais**. 16º Congresso de Leitura do Brasil (COLE). Disponível em <http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/74442503/autoria.pdf>  
Acesso em 17 set 2018.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano - Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org.). **Paisagens, Textos e Identidade**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2004.

DEMO, P. **Argumento de Autoridade X Autoridade do Argumento**. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18  
FORTALEZA - CE

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática docente. 13.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GOMES, P.C. da C. A condição urbana: ensaios de Geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GRÖNING, G.A. A Questionabilidade do conceito de paisagem. **RA'E GA – o espaço geográfico em análise**, n. 8 Curitiba: Departamento de Geografia – UFPR, p.9-18, 2004.

HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização. Do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

KOZEL, S. **Comunicando e Representando Mapas como Construções Socioculturais.** Ed. Expressão Gráfica. Fortaleza Ceará. 2005.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento.** 5. ed. Edição organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto]. São Paulo: Summus, 1978.

LYON, JR. H.C. **Aprender a sentir-sentir para aprender.** São Paulo : Martins Fontes, 1977.p.44.

NAVEH, Z.; LIEBERMAN, A. S. **Landscape ecology: theory and application.** New York: Springer/Verland, 1984.

